



Terry Costa

A Cultura é importante para o desenvolvimento económico

Homo economicus - a decisão racional com preferências fixas serve como ponto de partida para toda a economia.

Economistas reconheceram que as decisões nem sempre são racionais e consistentes. Porém, um crescente número de pesquisas na área da economia comportamental destaca a importância do contexto e da cultura na formação da tomada de decisões. Desse ponto de vista, o progresso do desenvolvimento depende da mudança, não, apenas, dos incentivos (a que o homo economicus responde), mas, também, das mentalidades.

Qualquer disciplina relacionada com o comportamento humano precisa, necessariamente, de considerar a forma como os humanos pensam e como a sociedade, a história e o contexto moldam esse pensamento.

A experiência de vida de uma pessoa modela e condiciona as suas preferências. A cognição e a percepção moldam a pessoa, tal como a cultura, uma vez que todos nós fazemos parte das narrativas. Como interpretamos as ações, como pensamos e como nos comportamos tem a ver com a nossa educação cultural.

Os seres humanos que fazem parte de uma cultura rica são mais sensíveis para com os outros e constroem so-

iedades mais dignas para todos. As crianças necessitam de arte, de música, de dança, de pintura, de desenho, de tudo o que a cultura artística nos oferece para desenvolver a mente.

Então, porque é que os governos continuam a desprezar a cultura, especialmente a cultura artística que é liderada pela cidadania? Investir nas suas gentes só cria riqueza. Quando se apoia um artista local, apoia-se o comércio local, pois o artista vai investir essa verba nos seus arredores. Quando se apoia um festival local, que, por sua vez, apoia artistas e técnicos regionais, está a apoiar-se a economia regional: os transportes, a restauração, o alojamento e muito mais.

Está provado que a cultura é importante para o desenvolvimento económico local, regional, nacional; em suma, para a economia do mundo. Então, porque é que as entidades que gerem os nossos dinheiros, para distribuí-lo, em ação de cidadania, para o desenvolvimento da sociedade, continuam a desprezar este sector, que envolve uma boa percentagem da sua cidadania?

Com o Grande Debate da RTP Açores, esta semana passada, subordinado à temática de cultura, aprendeu-se pouco. Os factos expressam que existem muitas pessoas a traba-

lhar no sector cultural nos Açores, mesmo que sejam freelance, e que existe uma verba exígua atribuída ao sector. De acordo com a Secretária Regional da Cultura, houve cerca de 300 candidaturas a projetos de criação, desenvolvimento e apresentação de projetos culturais, aos quais menos de 800 mil euros foram atribuídos. Não é necessário ser doutorado em economia, ou mesmo em matemática, para se perceber que a maioria dos projetos irá receber à volta de 2,500 euros (se tiverem a sorte de receber algum), valor que não sustenta muito, hoje em dia. Consegue-se imaginar uma companhia de teatro a tentar fazer uma peça nova, que implica meses de trabalho de preparação, com uma verba dessas? Ou consegue-se imaginar um compositor a trabalhar durante um ano com uma filarmónica para apresentar uma nova criação com esse apoio?

A realidade é que ainda continuamos a pensar da forma como se pensava há décadas. Temos que mudar as nossas mentalidades e pensar no presente, para criar um melhor amanhã, e não, apenas, nos basearmos no que se fazia no passado. Com o passado, devemos aprender, não nos prender. Tal como as estradas hoje em dia não continuam a ser todas de terra batida,

os artistas também evoluíram e criaram os seus próprios trabalhos. As associações culturais são fontes de rendimento para criação e necessitam de ter esse apoio para trabalharem com artistas locais. As estradas asfaltadas podem ter muitos buracos, mas quer parecer que, nos caminhos da arte, o alcatrão não consegue segurar duas pedras juntas, quanto mais 3, ou 4, ou um festival constituído por centenas de participantes criadores.

É necessário olhar para a cultura e para a Direção Regional da Cultura, como um departamento que desenvolve a economia regional. É necessário alocar verbas dignas para a Direção de Serviços Externos e de Ação Cultural e, especialmente, para o programa RJAAC, ao qual qualquer entidade a trabalhar no meio cultural tem o direito de se candidatar e de receber um potencial investimento para a criação. É importante criar! É importante mostrar o que criamos! É importante que podemos, até, promover os Açores com a sua arte e que os seus artistas, ao irem a outras terras, a outros países, poderão representar o que de bom se faz por cá.

A cultura é importante para o desenvolvimento económico!
Vamos dar-lhe esse valor.

MiratecArts de volta com o Projeto Tricô

A MiratecArts está prestes a arrancar com mais uma temporada do Projeto Tricô. A arte do tricô está com força e abraça quem tem interesse na ilha do Pico.

“Temos um core grupo de mulheres que são amigas, vizinhas, família, e que vão voltar aos encontros regulares, depois de um ano e tal de incerteza,” avança Terry Costa, o director artístico da MiratecArts, “e claro, abraçam, mesmo que ainda à distância, outras pessoas interessadas no convívio de aprendizagem, partilha e criação.”

Durante o Azores Fringe Festival, algumas das participantes juntaram-se na MiratecArts Galeria Costa, cada uma na sua cadeira, com distanciamento físico, e foram fotografadas por Lina Madeira. “Mas há sempre uma cadeira vazia, para outra, ou outro se juntar,” diz Gina Neves.

Gina foi uma das primeiras pessoas a fazer proposta para o projecto ter o apoio da MiratecArts, entidade que incentiva sinergias e criação entre a arte tradicional e o contemporâneo. “Para mim, este projecto é a ligação que tenho com as minhas companheiras do grupo e

faço tudo o que posso para que continue” admite Gina Neves. “O grupo está unido, está forte e tem sempre lugar para mais. Isto é uma motivação para todas nós, mantém-nos ocupadas, mantém-nos unidas. Temos um grupo bastante simpático – somos poucas e boas - e eu não quero que isto acabe. É uma forma de continuarmos a fazer coisas diferentes e incentivar-nos para mais.”

Além das participantes aprenderem e partilharem os seus conhecimentos, desenvolverem as suas próprias peças que usam para ofertas a amigos, familiares ou mesmo para si próprias, o grupo tem construído várias peças de arte pública. O Polvo Tricochê, A Saia da Barrica, Suculentas Tricô, Manta do Biombo, Linha Vermelha e uma colcha que já chegou a várias escolas e jardins da ilha são algumas das obras conseguidas em conjunto.

A equipa já trabalhou com a lã virgem de Santa Maria, com o famoso Knitted by Macho Men, conhecido da televisão e que já visitou a ilha montanha para incentivar o grupo do Projeto Tricô, e até das ilhas Faroé, onde uma das atracões daquele arquipélago é o Festival de Tricô,

promovido pelo departamento de Turismo Faroé, que também já descobriram o Projeto Tricô, na ilha do Pico, e desejam colaborar.

O projecto está de braços abertos para qualquer pessoa que deseje juntar-se ao grupo e participar com as suas agulhas

e estilo. Aprender, ensinar, colaborar ou usar este espaço para convívio à volta da arte do tricô, sair de casa de vez em quando, em vez de estar só no seu lar, estes são alguns dos objectivos, desde o primeiro encontro que aconteceu em Fevereiro de 2015.

Lina Madeira

